

ROSSI, Luiz Alexandre Solano; SILVA, Valmor. *Milagres na Bíblia*. São Paulo: Paulus, 2018. ISBN 978-85-349-4677-3

**João Vitaliano de Carvalho Rocha**

Doutorando em Ciências da Religião e Mestre em Desenvolvimento de Processos Ambientais pela Universidade Católica de Pernambuco

Professor da Faculdade Integrada de Pernambuco

E-mail: alteridade2019@outlook.com

O tema desta obra versa sobre os milagres observados na Bíblia, que são considerados extraordinários e instigadores da curiosidade do gênero humano há tantos séculos, principalmente por não serem provocados e por não acontecerem muitas vezes no nosso dia a dia. Os milagres, que constituem assunto sempre atual, podem ser uma prova de santidade, como podem ser comércio atrativo nas várias religiões, ocorrendo desde pequenas surpresas da vida cotidiana até exibições espetaculares em programas de televisão. A discussão, porém, desenvolvida ao longo do livro ficará restrita ao âmbito da Bíblia Sagrada até os primórdios do Cristianismo.

A terminologia bíblica para milagre não corresponde exatamente ao conceito moderno, seja em relação ao uso técnico, seja quanto ao senso comum. O termo milagre na língua portuguesa é derivado do latim *miraculum*, que significa admirar, no sentido de um acontecimento extraordinário referente a eventos que causam admiração por alterarem as leis da natureza e pelo seu caráter incomum. Nos livros bíblicos, há dezenas de citações nas quais são feitas referências à presença de anjos que se comunicam com os humanos, dando-lhes instruções com relação ao modo de vida, a fenômenos visuais caracterizados por aparições tangíveis, ou a manifestação de elementos naturais como o fogo que brota da terra ou cai do céu, raios e trovões em nuvens que se formam do nada. Portanto, há uma riqueza muito grande de fenômenos considerados inexplicáveis. O trabalho desenvolvido nos seis capítulos deste livro sobre os milagres pretende acompanhar os elementos da própria Bíblia e do início do Cristianismo, na tentativa de destacar os dados e a interpretação proporcionados pela leitura da Sagrada Escritura.

A partir dos autores, os quais selecionaram os milagres descritos na Bíblia, deixam transparecer uma leitura conjunta, dadas as afinidades manifestadas entre eles, cujo valor individual e representativo também foi considerado. É possível notar como o desenvolvimento histórico e literário foi realizado com o levantamento de grandes questões teóricas decisivas. Luiz Alexandre Solano Rossi é, atualmente, professor-adjunto na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) no programa de Mestrado e Doutorado em Teologia. Possui pós-doutorado em História Antiga pela UNICAMP e em Teologia pelo *Fuller Theological Seminary*. É Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, Mestre em Teologia pelo Instituto Superior Evangélico de Estudos Teológicos e tem Graduação em Teologia pelo Seminário Teológico de Londrina. É ainda membro do Corpo Editorial da Revista *Estudos Bíblicos*, Revista *Caminhos*, Revista *Pistis & Práxis*, Revista *Reflexus* e membro do conselho do Comentário Bíblico Latino-Americano. Valmor Silva é, atualmente, professor titular da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), pós-doutorado pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Doutor em Ciências da

Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Mestre em Exegese Bíblica pelo Pontifício Instituto Bíblico, graduado em Filosofia Licenciatura Plena pela Universidade do Sagrado Coração e em Teologia pelo Instituto Popular de Assistência Social. É membro de corpo editorial da *Fragmentos de Cultura*, membro de corpo editorial da *Estudos Bíblicos*, membro do corpo editorial da *Religião & Cultura*, membro do corpo editorial da *História em Revista*, membro de corpo editorial da *Pistis & Praxis*, membro de corpo editorial da *Perspectiva Teológica*, membro de corpo editorial da *Horizonte*, membro associado, ex-presidente, ex-conselheiro da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião, assessor da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), membro associado, ex-presidente, ex-conselheiro da Associação Brasileira de Pesquisa Bíblica, revisor de periódico da *Caminhos*, revisor de periódico da *Pistis & Praxis* e experiência na área de Teologia com ênfase em Bíblia. Este livro é um conjunto de seis capítulos que possibilitam reflexões sobre os milagres, tal como são apresentados na Bíblia e em outros textos sagrados. Seu valor atual é de R\$ 14,40, bastante acessível aos aficionados pela leitura bíblica.

O objetivo é demonstrar como a Bíblia Sagrada trata o assunto dos milagres e que os textos podem revelar quais os significados de cada milagre, bem como qual foi a terminologia usada e as informações apresentadas em cada escrito. O primeiro capítulo, escrito por Luiz Alexandre Solano Rossi, refere-se à abordagem, no Antigo Testamento, a respeito dos milagres que surgem no cotidiano, para despertar a resposta de fé das pessoas, dado que tudo é sinal da presença prodigiosa de Deus no mundo. O caráter miraculoso do Antigo Testamento serve para dar o sentido transcendente à vida, colocando as pessoas em sintonia com Deus, que restabelece a ordem sobre o caos da existência e da história. O segundo capítulo, escrito por João Luiz Correia Júnior, é sobre milagres em Mateus e abre os estudos que englobam o Novo Testamento, particularmente os Evangelhos. Começa pelo esquema de Mateus em cinco livros, espécie de Pentateuco, cada um dos quais compreendendo uma parte narrativa e outra discursiva. Nesse esquema, são inseridos os diversos milagres de Jesus. Por meio de ensinamentos, curas, expulsões de demônios e ressurreição de mortos, Jesus é o Messias que inaugura a chegada do Reino dos Céus, conforme a teologia mateana. O terceiro capítulo, apresentado por Valmor da Silva, enfoca milagres e curas do Evangelho de Marcos, considerando que esse Evangelho serviu como fonte para Mateus e Lucas e que, por conseguinte, está mais próximo da realidade histórica de Jesus. Como o evangelista dos milagres, Marcos acentua a eficácia da ação milagreira do Mestre, a força da fé que opera milagres e a debilidade associada ao êxito nessas ações.

O evangelista evita, intencionalmente, aspectos apologéticos, propagandísticos ou mágicos nas curas e milagres, mantendo a messianidade de Jesus em segredo, e equilibra o sucesso dos milagres com o sofrimento da paixão. O quarto capítulo, da autoria de Ildo Perondi e José Reinaldo de Araújo Quinteiro, versa sobre as curas e milagres do Evangelho de Lucas que, numa perspectiva inclusiva, ocupa-se em reinterpretar os relatos de curas e milagres para beneficiar as pessoas pobres e excluídas. Possui o eixo reflexivo segundo o qual a libertação do ser humano se dá na dimensão ideológica por meio de dezoito ações realizadas por Jesus Cristo, que se constituem não somente em curas físicas, mas das pessoas na sua integralidade. O quinto capítulo, escrito por Joel Antônio Ferreira, é sobre os sinais no Evangelho de João, destacando a teologia própria do quarto evangelho com relação ao assunto. João possui uma visão específica em que utiliza a palavra sinais, em vez de milagres, e esquematiza o seu evangelho em torno de sete sinais que o ajudam a aprofundar o

conhecimento e a adesão a Jesus. O sexto capítulo, escrito por Alfredo Rafael Belinato Barreto, trata dos milagres no Cristianismo Primitivo e propõe investigar o papel, a função e os efeitos dos milagres no cristianismo primitivo, que correspondem às primeiras manifestações literárias cristãs para além da Bíblia, abordando as lendas martiriais, os cultos terapêuticos com os ritos de incubação e a literatura apócrifa mais fantasiosa que teológica, que busca suprir possíveis lacunas e justificar interpretações diferentes dos textos bíblicos. No capítulo referente aos textos bíblicos citados no Antigo Testamento, encontram-se várias manifestações teofânicas, que são, muitas delas, apresentadas como milagres e por meio das quais a abordagem feita por Deus, por intermédio de sonhos, visões, presença de anjos e fenômenos naturais, cria, naquele que recebe a mensagem, uma forma de conversão que resulta em uma progressão espiritual, situação na qual passa a conhecer e fazer a vontade de Deus. É necessário salientar que, na visão do povo do Antigo Testamento, tudo era milagre e que a presença de Deus se fazia constante, na comunidade, na história e na criação.

Os autores enfocam que a Bíblia é uma demonstração constante da presença de Deus no mundo e que Ele não teria existência autônoma. A ocorrência de milagres a partir do Antigo Testamento revela a presença poderosa de Deus, que não abandona o ser humano nem o mundo no qual se encontra. Os milagres podem ser vistos como sinais que representam uma indicação de que os fenômenos estão além do humano e, por isso, revelam algo sobre Deus, cuja obra mais maravilhosa é a sua própria criação. Os leitores são conduzidos a construir essa mesma percepção após a leitura de determinados textos. Em Jó 9,5-10, existem sinais constantes da presença de Deus. Ele desloca as montanhas sem que elas percebam e, na sua ira, as arranca do lugar. Ele abala os alicerces da Terra, e as colunas dela se estremecem. Ele manda que o Sol se levante e esconde as estrelas. Ele sozinho estende o Céu e caminha sobre as ondas do mar. Ele criou a Ursa e o Órion, as Plêiades e constelações do Sul. Ele faz prodígios insondáveis e maravilhas sem conta. Os milagres representam sinais que podem significar identificação, indicação, conversão e, teologicamente, é possível pensar o sinal como um evento a partir do qual aprendemos, recordamos ou intuímos a respeito da credibilidade de algo, sendo, também, um indicador de legitimidade. Os autores consideram que a partir dos sinais é que reconhecemos e interpretamos o cotidiano da vida. Portanto, os milagres seriam uma resposta para a anulação do caos, como meio de recuperar a criatura perdida. João Luiz Correia Júnior apresenta os milagres citados em Mateus que se encontram nos Evangelhos de Lucas e Marcos. Os milagres representam a esperança dos tão esperados tempos messiânicos ou tempos de salvação que dariam aos judeus a liberdade dos domínios romanos e a notícia da chegada do Reino de Deus.

Na tentativa de ficar mais fácil a compreensão dos milagres descritos em Mateus, os autores enumeraram os itens principais, para tornar mais fácil o entendimento; na primeira parte, o nascimento e a infância de Jesus, a promulgação do Reino dos Céus; a pregação do Reino dos Céus e os mistérios do Reino dos Céus; na segunda parte, a congregação e instrução do Povo de Deus. O milagre evidenciado nessa época em torno das curas, exorcismos e poder sobre as forças da natureza eram acontecimentos prodigiosos que causavam admiração e surpresa nas pessoas. É importante lembrar que a Bíblia foi escrita em um período pré-moderno, momento no qual não se suspeitava da existência de uma lei natural que governava a realidade. Nas citações de Mateus, Jesus curava de forma milagrosa, extraordinária e imediata, cuja ação terapêutica restaurava a integridade física e mental dos indivíduos, fazendo-os voltar à condição de vida normal, trabalhar e lutar por um modo de vida melhor. A sua presença inspirava mudanças nos padrões de comportamento e a sua

palavra funcionava como um bálsamo para a alma despedaçada pelo sofrimento. Até o simples toque em suas vestes era sinal de uma mudança radical em todos os segmentos da vida.

Nos momentos atuais, essas realizações recebem o nome de empoderamento e, apesar de passados 20 séculos, os seus feitos jamais foram confundidos com assistencialismo. Em Mateus, segundo o autor, há a manifestação do Reino dos Céus na presença de um Ser que ensina, ampara, cura e expulsa os demônios, ressuscitando os mortos a qualquer hora ou em qualquer lugar e caracterizando o poder messiânico que se instaura no aqui e agora da história. Essas realizações expressam a práxis de Jesus que reagia às condições materiais da existência humana, inserindo-se nas relações sociais com o intuito de transformá-las. A Teologia em Marcos referente aos milagres de Jesus pode ser resumida em três palavras: práxis, força e revelação. Sintetizando a teoria do autor, pode-se concluir que, como práxis, os milagres de Jesus estão vinculados à sua pessoa e à sua ação; como força, os milagres demonstram a irrupção do Reino de Deus acolhido pela atitude de fé; e como revelação, eles manifestam a presença de Deus escondido na humanidade do filho. Ao destacar a atividade terapêutica de Jesus, Marcos pode ser reconhecido como o evangelho dos milagres que não possuem função propagandística nem apologética, ou seja, não apresentam espetáculos de magia nem peças de defesa da fé. Possuem, entretanto, aspectos cristológicos profundos, no sentido de manifestar a erupção do Reino de Deus na pessoa de Jesus Cristo, com tudo o que isso implica de libertação e vida nova para pessoas sofridas em seu contexto vivencial. Além de serem a epifania de Deus na pessoa de Jesus, os milagres abrangem, em Marcos, a dimensão eclesiológica e missionária, no sentido de colocar as pessoas no caminho do discipulado, para entender a ação salvífica de Jesus.

Os autores responsáveis por esta obra escolheram um tema considerado, ainda nos dias atuais, como um fenômeno extraordinário, que escapa aos nossos sentidos. Apesar do avanço da tecnologia, não foi possível uma explicação científica para os milagres registrados pelos evangelistas que vivenciaram a sua manifestação, com exceção de Lucas. O estudo do extraordinário e do sobrenatural nos incita a tentar visualizar a beleza e a intenção que origina cada um. Com toda certeza, os milagres partem de algo extremamente superior à nossa capacidade de raciocínio. Por esse motivo, são considerados de origem divina. É fascinante estudar os fenômenos produzidos por Jesus na tentativa de descobrir o que ele tenta nos mostrar, suas causas ou mesmo as leis que os regem e, principalmente, saber que estão disponíveis para todos.

## CONCLUSÃO

O milagre pode ser entendido como um prodígio que alguém interpreta como ação ou manifestação transcendental ou a intervenção inesperada de Deus numa situação de completa desesperança. Eles independem da vontade humana. Para uma grande maioria, os milagres produzem sentido para a vida pessoal, coletiva e comunitária. O milagre não pode ser pensado como elemento coadjuvante da ação divina e da afirmação do seu poder nos eventos históricos, tampouco é um sinal acessório de um discurso ou um reforço simbólico de um programa. No âmbito da religiosidade popular, o milagre é a expressão mais nítida das trocas simbólicas entre uma comunidade de fiéis ou de pessoas com a divindade.